



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

MODA E MEMÓRIA EM TEMPOS DE AIDS:

PERSONAGENS E RESPOSTAS IMAGÉTICAS AOS ANOS 1980

Fashion and Memory in Times of aids: Key Figures and Visual Responses to the 1980s

Bandeira, Álamo; Doutor; Universidade Federal de Pernambuco, alamo.bandeira@ufpe.br¹
Araújo; Oriana Maria Duarte de; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco, oriana.araujo@ufpe.br²
Correa, Walter Franklin Marques de; Doutor; Universidade Federal de Pernambuco, walter.franklin@ufpe.br³

Resumo: Análise histórico-cultural dos impactos da epidemia global de aids na representação dos corpos e da moda em fins de 1980, a partir dos casos do modelo *yuppie* Joe McDonald e do assistente e companheiro de Karl Lagerfeld Jacques de Bascher. Ambas as trajetórias profissionais e pessoais foram atravessadas pelo estigma e violência simbólica do HIV e personificam a pandemia pela ótica da moda. A revisão bibliográfica e imagética discute as ressonâncias comportamentais e sociais da aids e os desdobramentos estéticos nos corpos homossexuais e possíveis lacunas no debate do tema no Brasil.⁴

Palavras-chave: história da moda masculina; moda e aids; *yuppies*.

Abstract: Historical-cultural analysis of the impact of the global aids epidemic on the representation of bodies and fashion in the 1980s, through the cases of Joe McDonald and Jacques de Bascher, companion to Karl Lagerfeld. Both professional and personal trajectories were shaped by symbolic violence associated with HIV and embody the pandemic through the lens of fashion. Combining bibliographical and iconographic review, discusses here the behavioral and social resonances of aids and their aesthetic ramifications for gay male bodies, as well as persistent gaps in the Brazilian debate on the subject.

Keywords: menswear history; fashion and aids; *yuppies*.

¹ Pós-Doutorando Facepe no PPGDesign/UFPE em pesquisa sobre História da Moda e Masculinidades no séc. XX. Foi professor na Especialização em Produção de Moda e Styling da Faculdade Senac-PE, nas disciplinas de História da Moda e de Figurino. Com ampla experiência profissional em Ensino Superior, Produção de Moda e Figurino Audiovisual. Possui interesse de parcerias acadêmicas em: Design & Gênero, Fotoetnografia, além dos diversos campos entre Moda, Masculinidades e Tecnologias aplicadas ao corpo.

² Doutora (2012) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É coordenadora do Laboratório Transdisciplinar de Plástica (LabTpla) no Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Artes, atuando nos temas: arte contemporânea, corpo e processo artístico.

³ Pós-Doutor no Departamento de Digital Media Concepts, Academy for AI, Games Media pela BUas - Breda University of Applied Sciences (Holanda). Professor Titular do Departamento de Design da UFPE | Campus Recife. Possui ampla experiência na área de Design de Concepção, Metodologias, Segurança do Produto, Design Centrado no Usuário, HCI, UX/UI, Design Centrado no Humano em Realidade Virtual e Aumentada, Impressão 3D e Prototipagem Rápida.

⁴ Esta fase da pesquisa foi financiada através de recursos oriundos de Bolsa de Fixação de Pesquisador (BFP) concedidos pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe).



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Corpos em Disputa: estigma, masculinidades e políticas de imagem da aids⁵ (1981-1994)

A partir de recorte de tese de doutorado, apresenta-se, através de amparo histórico, a hipótese de que o ideal de beleza masculina atual foi amplamente impactado pela aids, ao criar um corpo desejado que se distanciou dos signos visíveis de magreza, efeminação e adoecimento ligados às pessoas que conviviam, na época, com o HIV, um grupo historicamente silenciados pela narrativa oficial. Tal gentrificação entre os grupos homossexuais gera, até a atualidade, a lapidação de uma estética corporal padronizada defendida como aceitável. A busca por corpos jovens, musculares e viris emergiu como tentativa simbólica de escapismo e negação da morte. Para contextualizar e assimilar o tamanho do impacto das perdas ligadas à aids na moda, os dígitos ligados à epidemia podem ser mesclados à apresentação das carreiras interrompidas e às emoções observadas na época. No primeiro bloco deste artigo, parte-se da figura de Joe MacDonald, modelo nova-iorquino síntese da estética *yuppie* dos anos 1980, que simbolizou a transição do corpo masculino hegemônico, atlético e branco para um corpo vulnerável, emaciado e socialmente ojerizado por sua sorologia.

No segundo bloco, o artigo volta às relações entre moda, poder e sexualidade entre Jacques de Bascher e Karl Lagerfeld. O primeiro, dândi e companheiro do estilista alemão, teve sua vida e morte ligadas ao universo das festas de *bondage* parisiense (AUGUSTIN, 2016; MIDDLETON, 2023). Lagerfeld, por sua vez, emerge como uma figura paradoxal: *workaholic* e celibatário, representava a estetização do controle e da distância, ao mesmo tempo em que foi profundamente marcado pela despedida de seu companheiro platônico, com inferências que podem ser lidas em suas criações do período. Dos croquis ao perfume dedicados a Jacques, passando pela reconfiguração da imagem da Chanel é possível dimensionar a influência afetiva e simbólica da perda de seu companheiro, inserindo-se num contexto de medo, negação e reinvenção estética.

A revisão bibliográfica também pontua nomes cujas mortes foram camufladas ou eufemizadas pela imprensa e pela indústria. Em comum, observa-se a tentativa de dissociar o HIV de suas imagens para preservar o valor de

⁵ Ao longo desta pesquisa, a palavra “aids” será grafada em caixa baixa, a portuguêsando-a, por designar doença comum (SQUARISI, 2020).



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

mercado das marcas que haviam construído. No Brasil, destaca-se o apagamento de Markyto, primeiro caso amplamente midiaticizado em contraste a Ney Galvão, estilista e apresentador de TV, cuja morte, em 1991, foi encoberta por diagnósticos generalistas. Tais casos exemplificam como o silenciamento atravessa também a história da moda nacional, contribuindo para a ausência de referências homossexuais positivas e sobreviventes locais.

Conclui-se que a aids foi, e ainda é, uma crise de representação, e que a moda, como linguagem sensível e visual, traduziu em seus códigos esse então trauma geracional. Ao relembrar esses nomes, imagens e sentimentos, busca-se romper com o silenciamento historiográfico e reafirmar a moda como lugar também de memória para os corpos que desapareceram, mas cuja presença ecoa na produção imagética do período.

A aids atinge os *yuppies* nos anos 1980

Pelo medo de declínio das vendas, as grifes sublimavam os óbitos ligados à aids. Em 1986, o estilista Perry Ellis foi sepultado como “encefalite viral” (MORRISROE, 1986, p.26), mesmo diante da cobertura jornalística que o enfatizava como um dos primeiros casos de HIV na moda. “Quando faleciam, era sempre pneumonia [no obituário], era sempre outra coisa de que morriam, mas sabíamos que a aids era a principal culpada” (PICARDI, 2022). As palavras do maquiador Garren para Picardi consolidam a tentativa de substituição da causa real por doenças moralmente toleradas, que paradoxalmente, só realimentavam (e realimentam) o estigma.

Em 1981, a relação entre (homo)sexualidade e aids já era uma constante. Nos EUA, os primeiros diagnósticos se referiam à aids como “GRID (*gay-related immune deficiency*)” (DRAKE, 2007, p.318). Na passagem das décadas de 1970 para 1980, emerge um clima de pânico em torno do tema. Os corpos masculinos, antes símbolo de desejo, passaram evidenciar dúvida e medo.

O caso de Joe Macdonald, símbolo de beleza da estética *yuppie* personificou o período: loiro de olhos profundamente azuis, maxilar marcado, cabelos lisos, torso musculoso e – como bem comum na época – de sexualidade escorregadia – presumida pela inexistência de uma esposa, mas só confirmada após a eclosão de sua sorologia (DALY, 1983; DRAKE, 2007) e falecimento, aos 38 anos, em abril de 1983. Em seu ápice, Joe estrelou



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

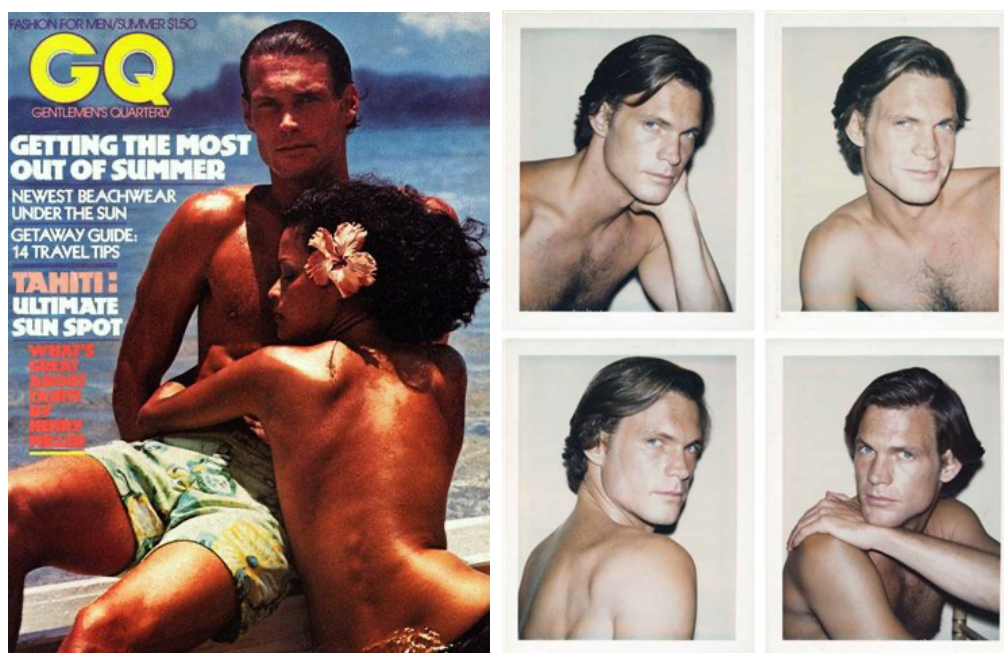
19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

desde semanas de moda de Paris e Nova York a campanhas para Calvin Klein e Christian Dior, além de capas da GQ Magazine (PICARDI, 2020) (Figura 1).

Figura 1: Joe MacDonald e Lizette Kattan, GQ, edição de verão de 1975; Figura 2: MacDonald na série “Polaroids”.



Fontes: Chris von Wangenheim (1975); Andy Warhol (1975)

A aparência sofisticada e saudável do modelo era vinculada aos *yuppies* – profissionais da geração “*Baby Boom*” com idade entre 25 e 45 anos, completamente focados na ascensão de suas carreiras e que usufruíam de um poder de compra antes só alcançado na maturidade. A grafia *yuppie* era uma contração de “*Young Urban Professional*”, ou “Jovem Profissional Urbano”, termo cunhado em 1980 por Dan Rottenberg para Chicago Magazine (MOGHAREI, 2020) e vinculada à estética “*power dressing*”. Esses jovens eram consumidores do prêt-à-porter de luxo, interessados na prática esportiva e adquiriam obras de arte para vincular seu status à aquisição dos diversos bens materiais (PIESMAN E HARTLEY, 1984) – MacDonald, por exemplo, era colecionador de fotografias e muso de Andy Warhol (Figura 2).



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

John L. Hammond escreve em *yuppies* (1986) que a liberdade sexual era uma característica basal observada, em consonância ao perfil econômico liberal, ao estilo de vida individualista e à defesa da equidade de gênero. Hammond destaca: “[...] eles rejeitam os costumes sexuais restritivos e, portanto, endossam a liberdade de preferência sexual e os direitos ao aborto” (1986, p. 487-8) – em pleno diálogo com a sexualidade homossexual.

Ao aprofundar a relação entre moda e sexualidade, Piesman e Hartley, em 1984, citam o subgrupo dos “*Guppies*”, ou “*Gay Urban Professionals*” (1984, p.19). Esses homossexuais poderiam ser lidos como pioneiros do estilo *yuppie*, já que sua estrutura social previu comportamentos absorvidos posteriormente. Os *guppies* eram casais homossexuais sem filhos, com grande destaque profissional, seguidores de tendências de moda e residiam nos endereços mais desejados (e caros) das metrópoles. Detentores não apenas de salários certos, cargos certos, apartamentos (mobiados ao estilo Memphis) certos, mas, sobretudo, de “peitorais musculosos certos” (ibidem, p.19) e que através de suas aquisições materiais – como camisas Polo Ralph Lauren ou mocassins Manolo Blahnik (REED, 2014) – reafirmavam sua inclusão social. Ser *guppie*, para além do acúmulo de dinheiro, era um modo de inclusão social através do consumo. Desta forma, o capital econômico (Bourdieu, 2015) acumulado era investido para aquisição de um segundo capital, o social. Destarte, para os jovens gays, reafirmar-se como *guppie* através da publicidade do próprio crescimento econômico – refletida no poder de consumo de roupas e bens diversos de luxo – era o passaporte da própria inclusão e visibilidade social em um estamento pouco tolerante a identidades sexuais não normativas.

O perfil jovem e *workaholic* de sucesso internacional do modelo norte-americano Joe MacDonald encontrava eco na figura dos *guppies*, mas à medida que seu corpo revelou “falhas” ligadas ao adoecimento, rapidamente se compreendeu como o corpo pode ser desvinculado socialmente. Após a revelação de sua infecção, em 1983 (DALY, 1983), sua imagem tornou-se sinônimo de uma vergonha velada, vinculada à liberdade sexual dos anos 1970. Macdonald foi exposto pela mídia (PICARDI, 2022) pela ótica do medo e dúvida. A matéria “*Aids Anxiety*”, de Michael Daly, em 20 de junho de 1983, na New York Magazine cita: “Joe Macdonald tinha sido um dos modelos masculinos mais quentes do setor. Agora sua face estava exaurida. A estrutura atlética havia desaparecido, deixando seu corpo magro e desgastado”. Observa-se aqui que o corpo, com as marcas físicas do



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

avanço infeccioso, passou a significar, tanto entre os profissionais do setor como na imprensa, ojeriza e distanciamento – assim também pontuou a jornalista Alicia Drake, em “The Beautiful Fall” (2007):

Todos começaram a adoecer, ninguém sabia o que era – as manchas feiosas, diz [a manequim] Pat Cleveland, que se lembra de entrar no elevador um dia com o belo modelo Joe Macdonald. 'Eu disse: 'Como você está? O que há de errado? E ele disse: "Eu não sei. Não me toque." "Não me toque" – disse a geração que libertou o toque de todos os tabus. (DRAKE, 2007, p.318-319)

Entre *Le Palace* e o ateliê: como Lagerfeld foi atingido pela pandemia

A partir de então, somando incompreensão médica e um estigma historicamente associado à homossexualidade, intensificou-se o afastamento de qualquer vínculo com corpos minimamente relacionados à aids. Esse clima — amplificado pela imprensa — ajuda a entender como, do outro lado do Atlântico, Karl Lagerfeld lidou com o adoecimento de seu assistente e companheiro platônico, Jacques de Bascher de Beaumarchais (Figura 3). Cosmopolita como Joe MacDonald, Lagerfeld tinha, porém, uma distinção relevante apontada por Alicia Drake (2007) e Alfons Kaiser (2023): era celibatário em uma época de liberdades sexuais. O dado é central para mostrar que todos foram atingidos pela pandemia — direta ou indiretamente —, e a moda também. Assim, embora afetado indiretamente, Lagerfeld viveu o impacto do HIV/aids quando Jacques faleceu por complicações do vírus, em 1989. De perfil *workaholic*, Karl coordenava, a partir de 1983, oito coleções de prêt-à-porter (de sua marca em Paris, da Chanel, a linha esportiva em Nova York e a Fendi, em Roma), além de duas coleções de *Haute Couture* na Chanel, como também as campanhas de perfumes e outras promoções (DRAKE, 2007; REED, 2014). A aceleração de contratos e de agenda convertia Lagerfeld em um ícone *yuppie*.

Por ser um alemão atuando na elite francesa, para traduzir o *zeitgeist* parisiense em suas peças, Karl construiu uma rede jovem de informantes do espírito do tempo na Paris das décadas de 1970 a 1980 e traduziu tendências em *best-sellers* a cada estação (do *remake* dos monogramas da Chanel à primeira linha de relógios voltada a mulheres de negócios). Entre os assistentes, destacou-se Jacques de Bascher. De família nobre, o dândi não estava diretamente ligado à execução projetual, mas através de sua rede de contatos, era capaz de alimentar Karl com sinais sociais presentes em suas coleções, sua origem nobre permitia a entrada do



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

estrangeiro em espaços restritos. As personas distintas do atípico casal se complementavam socialmente: um frequentador de festas sadomasoquistas e estética de marinheiro (figura 4), já o outro celibatário e distante dos padrões de beleza e virilidade da época. O jovem francês pode hoje ser interpretado como uma inspiração que redundava em motivos recorrentes nas coleções do jovem estilista. A figura do *querelle* pode ser lida como retomada da *marinière* de Coco Chanel, mas também como influência afetiva do próprio de Bascher (KAISER, 2022; DRAKE, 2007) e como parte de um repertório visual homossexual então em circulação: o filme “*Querelle*” (1982), de R. W. Fassbinder, as obras de Tom of Finland e, depois, *Le Male* (1995), de Jean Paul Gaultier (DORON, 2016) demonstram que Karl era capaz de observar e traduzir em produtos sua vida e os movimentos estéticos a seu redor.

Figura 3: Jacques e Karl na Maison Chloé; Figura 4: Jacques em sua “*Fête Marine*”; Figura 5: Cartão Postal.



Fonte: The Mirror (1972); Philippe Heurtault (1976); Karl Lagerfeld (1988)

Philippe Heurtault⁶, fotógrafo e amigo de Jacques de Bascher desde o serviço à Marinha Francesa, em 1971, registrou longo acervo imagético das festas promovidas pelo dândi francês, em apartamentos e na boate

⁶ O acervo digital está disponível no endereço: <http://philippeheurtault.fr/>.



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Le Palace (MIDDLETON, 2023), em Paris. Como bem afirma Guillaume erner (2015), compreende-se nesta pesquisa que a imagem é uma mensagem em si, e as escolhas imagéticas na moda transportam o leitor para um posicionamento sobre cada tema, contribuindo, em paralelo, com as descrições textuais. Desta maneira, para uma maior compreensão do espírito do tempo trabalhado é importante o exercício de se debruçar sobre coleções imagéticas, para além do campo textual, em especial, dos espaços de socialização. Tais eventos acessam o universo dos personagens da moda em uma visão menos protocolar de seus trabalhos comerciais, caminho geralmente tomado pela historiografia de moda tradicional (LAVER, 1987; BAUDOT, 2008), o que leva a uma abordagem ampla da realidade estudada.

Ilustra esse contexto a sequência de Heurtault para a “*Moratoire Noir*”, festa de inspiração sadomasoquista em homenagem ao desfile Primavera-Verão 1978 de Lagerfeld para Chloé, na *La Main Bleue*, na madrugada de 24 para 25 outubro de 1977 — organizada por De Bascher (sádico praticante) e Xavier de Castella (companheiro de Kenzo Takada), falecido em 1990 por complicações de aids. Lagerfeld, articulador financeiro, esteve apenas no início e saiu com socialites. (AUGUSTIN, 2016; MIDDLETON, 2023).

As performances artísticas transbordavam para as práticas sexuais públicas e registradas em fotografias, como a apresentação de David Pontremoli cantando “*Una Lacrima sul Viso*” enquanto dominava seu *slave*. A exposição era parte do jogo de poder: em meio à pista, praticava-se sexo ritualístico (como *fist-fucking*), além de múltiplos role plays – práticas metafóricas sexuais, como a luta de esgrimas entre um de Bascher inteiramente vestido de branco e seus convidados em negro, num ritual que pode ser interpretado por seu simbolismo fálico. Esse erotismo competitivo dialogava com a economia do período e com as passarelas de Lagerfeld (REED, 2014): os consumidores *yuppies* performavam competição e hipereposição. É plausível supor reflexos – ou espelhamentos – em suas vidas sexuais.

A bibliografia compilada (DRAKE, 2007; OTTAVVI, 2017; KAISER, 2022; MAYER) não declara explicitamente o vínculo do declínio da saúde de de Bascher às obras de Karl, mas é possível concatenar como a oscilação da saúde de Jacques pode ter afetado o trabalho de Karl ao longo de 18 anos de convivência. Dado



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

o estigma que rondava a imprensa (ALTMAN, 1981; 1982), a vida normalmente pública de Lagerfeld tornou-se relativamente velada, como sublinha Drake: “Jacques, como tantos, procurou manter sua doença escondida” (DRAKE, 2007, p.344).

Em 2023, William Middleton revisita a narrativa — cristalizada por autores como Drake (2007), Ottavvi (2017; 2021) e Kaiser (2022) — de um vínculo estritamente platônico, sem sexualidade consumada. Para ele, tal versão operou como blindagem pública de Lagerfeld no auge da pandemia e da incerteza científica. Não se trata de curiosidade sobre a vida íntima de um nome público, mas de medo social de associação a uma doença moralmente mal-interpretada. Para sustentar o argumento, Middleton transcreve Heurtault:

Heurtault insistiu que o medo do HIV era um fator de como Karl falava sobre o relacionamento. ‘Sinto que é por isso que Karl não quis admitir sua paixão por Jacques’, sugeriu Heurtault. ‘Ele tinha medo de que todos em seu pequeno mundo, que soubessem que Jacques estava doente e depois morreu de AIDS, se perguntassem sobre ele. Então, ele produziu essa história de um amor platônico, para dizer: ‘Olha, eu sou soronegativo’. (Middleton, 2023, s.p.)

O incômodo de vinculação de Karl era estritamente ligado à aids, mas jamais a seu companheiro, quem ele se expunha publicamente. Encontrada nesta pesquisa na imprensa alemã, há uma fotografia clicada durante o feriado nacional francês da Queda da Bastilha, em 14 de Julho de 1989, na qual um Jaques marinheiro dança com a então diretora de prêt-à-porter da Chanel, Martine Adrien, que o material cita como completamente vestida de Boutique Chanel, no Jardin des Tuileries, localizado na Rue de Rivoli, a mesma rua do apartamento onde Karl então residia (o endereço também se correlaciona ao cartão postal de 1988, onde de Bascher revela, em segundo plano, o próprio Karl, numa metáfora de guarda-costas ou de sombra protetora) (Figura 5). O envio de cartões postais, assinados à mão, entre o Natal e janeiro, eram um costume tanto de Lagerfeld como de de Bascher, ratificando os laços públicos anualmente (DRAKE, 2007). Mesmo nos últimos anos dos cartões enviados, observa-se um cuidado na manutenção da imagem ativa de Jacques, ratificada pela alfaiataria refinada, traço presente desde a juventude no closet do francês, e o posicionamento de corpo vertical e firme, mas a diferença central é a presença de um corpo mais coberto, uma possível escolha (já observada também em Klaus Nomi) para encobrir possíveis traços de avanço da aids.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Karl demonstrou constante presepça ao lado de de Bascher – desde a confirmação do diagnóstico, em 1984 às suas últimas noites, quando Karl dormia em uma cama de campanha dentro do hospital e contribuía financeiramente ao máximo na busca de uma cura até a morte do companheiro no Hôpital Raymond Poincaré, em Garches, no oeste de Paris, em 3 de setembro de 1989 (MIDDLETON, 2023). As últimas imagens de Jacques são os cartões de Natal impressos por Karl, além de uma série de fotografias particulares de Jacques vestido como um dândi da Belle Époque, de autoria de Lagerfeld. Drake (2007) pontua que os retratos podem não coincidir com estágio descrito nas datas, mas são como pistas do casal.

Após a morte de Jacques, as imagens assinalam que Karl engordou gradativamente e passou a vestir-se quase sempre de preto (com peças das marcas japonesas como Comme des Garçons e Yohji Yamamoto). É possível também notar uma limpeza estética e redução de acessórios nas coleções Chanel do início dos anos 1990 (MIDDLETON, 2023), uma leitura que dialoga com a ascensão da estética nipônica nas passarelas europeias, ainda que a recepção nem sempre a percebesse como “diálogo sincero” da maison francesa.

A carreira de Lagerfeld ascendeu no fim dos anos 1990 e atingiu novo ápice, recembedo da imprensa o título de Kaiser da Moda. Mas a memória de moda de seu muso seguiu revelando pistas em seus trabalhos. Com destaque para o lançamento em 1998 de “*Jako*” (DRAKE, 2007), perfume masculino amadeirado e apimentado, com mesmo apelido dado a Jacques de Bascher e título propriedade de Hamburgo, “*Villa Jako*”, adquirida por Lagerfeld, um ano após a morte do companheiro.

Silenciamento X Disputa de narrativas

Se as relações entre moda e aids podem apresentar dados mais contundentes entre os personagens aqui já citados, ao realizar o mesmo levantamento no Brasil (PRADO E BRAGA, 2015), os nomes atingidos pelo HIV seguem caminho distinto dos Estados Unidos e da Europa. Aparentemente, são rondados por silenciamento, mesmo após décadas, com pontual aprofundamento sobre Markyto (AZEVEDO, 2013) e Ney Galvão (LISBOA RODRIGUES, 2022). Desta forma, a construção da pesquisa se dá por espelhamentos de histórias análogas:



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

diante do eclipse de grande parte dos atingidos pela aids (por razões morais que envolvem culpa e estigma, tanto dos afetados diretos como de seus familiares), esta pesquisa toma os nomes de profissionais de destaque da moda para, a partir deste recorte, expandir o sentimento vivido pelos demais silenciados.

A escolha pelo silêncio dos nomes brasileiros ligados à moda falecidos em complicações vinculadas à aids ou que hoje convivem saudavelmente com o HIV pode, em um primeiro momento, ser compreendida como uma ação protetora de preservação da imagem dos profissionais, mas se revela também, em uma segunda análise, em um fator de esquecimento cíclico. Diante de nomes ceifados durante o período pandêmico, não há hoje uma narrativa acadêmica estruturada sobre seus trabalhos, pois foram sublimados diante do estigma das décadas de 1980 e 1990. E a aversão ao tema atinge as gerações atuais de criadores e pesquisadores que se veem sem um passado referencial, não somente da história dos corpos portadores de HIV, mas dos corpos divergentes sexualmente, em especial, para este trabalho, os corpos homossexuais masculinos e sua moda (RODRIGUES, 2017). A aids seguiu, comunicacionalmente, em uma disputa de narrativas. Houve a negação sobretudo nos anos 1980 e 1990 pelos herdeiros e gestores das marcas e uma afirmação com pesquisas retificadoras que exigiriam um maior crivo acadêmico para assegurar ou endossar sua validade. Como observado nos casos dos estilistas italianos falecidos Gianni Versace e Franco Moschino. No primeiro, a jornalista Maureen Orth lançou em, 1999, o livro *“Vulgar Favors”* (2017), onde afirma a sorologia positiva do estilista, ratificada por Anketell (1999), mas negada pela herdeira da marca, Donatella Versace (LEVY, 2006). Já o segundo caso foi, em 1994, com o falecimento de Franco Moschino, aos 44 anos, veladamente citado como uma eufêmica parada cardíaca pela imprensa profissional de moda (COSTIN E FORDEN, 1994) e pelos jornais (SCHIRO, 1994; FIORAVANTE, 1994), associada a complicações de um tumor abdominal. Todavia, em 2019, a Vogue Runway (BORELLI-PERSSON, 2019), em uma crítica póstuma ao último desfile de prêt-à-porter de Primavera-Verão 1994 do estilista (Figura 6) realiza revisão histórica ao vincular não só sua morte à aids, mas ao enfatizar a cena final da apresentação: na entrada final da coleção, as modelos desfilaram diversas criações brancas, acompanhadas por crianças que vestiram golas vermelhas, em referência ao *“red ribbon”*, símbolo da luta contra aids, além de



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

campanhas pontuais para arrecadação de fundos de amparo a crianças portadores do vírus HIV (como a “Smile!”, em 1993) lançadas nos dois últimos anos de sua carreira.

Figura 6: Moschino Prêt-à-Porter Primavera-Verão 1994.



Fonte: Condé Nast Archive (1993)

Se por um lado, os corpos dos criadores pereceram, houve uma tentativa de silenciamento ou abrandamento da fatalidade num gesto de proteção da imagem de marca (ORTH, 2017). Hoje, observa-se mudança comportamental, com a evolução do tratamento ao passar das décadas e a consequente troca de perspectiva da aids para uma convivência possível com o vírus HIV, como exemplificado em como a imprensa lidou com o suicídio do designer inglês Alexander McQueen, portador do vírus HIV, fato negado por seus pais (SAWER, 2015), mas não por sua assessoria pública ou pelo próprio McQueen enquanto em vida (FOLEY, 2018).

Considerações Finais

A aids reprogramou a estética dos corpos e os regimes de visibilidade da moda. O percurso entre as décadas de 1980 e primeira metade dos anos 1990 mostrou que tanto quem viveu com o vírus — como aqui



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

exemplificado por Joe MacDonald, cujo corpo passou da celebração *yuppie* à marca do estigma — quanto quem vivenciou o luto e a autopreservação ao redor dele — como Karl Lagerfeld em sua relação com Jacques de Bascher — foram contundentemente afetados, com reflexo na produção de moda do período. A experiência direta do adoecimento ou relacional do cuidado e do medo convergiu para normas corporais, protocolos de comunicação (eufemismos, silêncios, desmentidos) e assinaturas estéticas (limpezas formais, símbolos de solidariedade, reconfigurações de marca). No Brasil, o silêncio prolongado adicionou uma camada de perda: com menos nomes nomeados, menos arquivos, menos memória e, portanto, uma lacuna reafirmada por este artigo na necessidade de maior aprofundamento do tema por pesquisadores e historiadores de moda. É possível concluir que nas duas últimas décadas do século XX a moda não apenas vestiu a crise, mas ela também a desenhou e a traduziu, difundindo-a. Reconhecer esses traços — do rosto emaciado de Joe à autoproteção discursiva de Karl, do lenço vermelho de Moschino às lacunas brasileiras — é passo necessário para restituir agência aos corpos que nos formaram. Só assim a história deixa de ser um inventário de ausências e passa a informar criticamente as imagens que ainda hoje desejamos, produzimos e celebramos.

Referências

AUGUSTIN, Alice. Quand le Tout-Paris des années 1970 dansait à "La Main bleue". *Vanity Fair – France - Culture*. Paris: 22. Jun. 2016. <<https://www.vanityfair.fr/culture/people/articles/la-main-bleue-discotheque-legendaire-des-annees-1970/43430>>.

ALTMAN, Lawrence K. Rare Cancer Seen In 41 Homosexuals. *The New York Times*. 3 jul. 1981. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1981/07/03/us/rare-cancer-seen-in-41-homosexuals.html>>. Acesso em: 20 de fev. 2025.

ALTMAN, Lawrence K. New Homosexual Disorder Worries Health Officials. *The New York Times*. 11 mai. 1982. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1982/05/11/science/new-homosexual-disorder-worries-health-officials.html>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ANKETELL, Michael. *Heavenly bodies: remembering Hollywood and fashion's favorite AIDS benefit*. Dallas: Taylor Publishing Company, 1999.



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

AZEVEDO, Marina de Fátima Senra. **Análise de seis cartazes oficiais sobre a vida das mulheres em relação ao HIV e à Aids.** 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, São Paulo, 2013.

BAUDOT, François. **Moda do século.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento.* Tradução: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Zouk, 2015.

DALY, Michael. *AIDS Anxiety.* New York Magazine, 20 maio 1983. Disponível em: <https://nymag.com/news/features/47175/>. Acesso em: 31 ago 2025.

DRAKE, Alicia. **The beautiful fall:** fashion, genius, and glorious excess in 1970 Paris. (Ed. Paperback). Nova York: Back Bay Books. 2007. Disponível em: <https://archive.org/details/beautifulfall00alic/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 8 de julho de 2025.

DORON, Itai. *Tinker, soldier, sailor, thief: The visual representations and appropriations of the male sexual outlaw as a gay fantasy figure in the Arts and in fashion imagery.* **Critical Studies in Men's Fashion.** City: Intellect, vol 3, N 2, 1 set. 2016, pp. 79-93

ERNER, Guillaume. **Sociologia das tendências.** São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

FOLEY, Bridget. *Bridget Foley's Diary: Alexander McQueen, Magic and Tragedy.* **WWD – Women's Wear Daily,** Nova York, 20 jul. 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/KY3hC>. Acesso em: 3 set. 2025.

FIORAVANTE, Celso. *Estilista Moschino morre aos 44.* **Folha de São Paulo.** São Paulo, 20 set. 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/20/mundo/12.html>. Acesso em: 5 mai. 2025.

HAMMOND, John L. *Yuppies.* Public Opinion Quarterly. Oxford: Oxford University Press. 1986. v. 50, n. 4. pp. 487-501. DOI: 10.1086/268999. Acesso em: 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2748754>.

LA FORCE, Thessaly. **Those We Lost to the AIDS Epidemic.** T Magazine. 17 abr. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/04/17/t-magazine/aids-epidemic-deaths-new-york.html>. Acesso em 1 mar. 2025.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda.** São Paulo: Cia das Letras, 2003. (Primeira edição em inglês: 1987).



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

LEVY, Ariel. Summer for the sun queen. **New York Magazine**. 2006. Disponível em: <https://nymag.com/fashion/06/fall/19388/index1.html>. Acesso em: 02 jun. 2025.

LISBOA RODRIGUES, Luis Fernando. **Estudo sobre Ney Galvão (1952-1991): moda e cultura no Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - UFBA, Salvador, 2018.

MIDDLETON, William. **Paradise Now: The Extraordinary Life of Karl Lagerfeld**. Nova York, Harper Collins Publishers, 2023. E-book.

MOGHAREI, Phoebe. Happy 40th Birthday to the Word “Yuppie”. **Chicago Magazine**. 4 maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/CK6y0>. Acesso em: 3 set. 2025.

MORRISROE, Patricia. The Death and Life of Perry Ellis. **New York Magazine**. 11 ago. 1986, p. 26 - 39. Disponível em: <https://patriciamorrisroe.com/wp-content/uploads/2015/02/Life-Death-Perry-Ellis.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2025.

ORTH, Maureen. **Vulgar favors: the assassination of Gianni Versace**. Nova Iorque: Bantam Books, 2017. Disponível em: <https://archive.org/details/vulgarfavorsassa0000orth>. Acesso em: 8 jul. 2025.

PICARDI, Phillip. An Oral History of Fashion’s Response to the AIDS Epidemic. **Vogue America**. 2020. Disponível em: <https://www.vogue.com/aids-epidemic-oral-history>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PIESMAN, Marissa; HARTLEY, Marilee. **The Yuppie handbook**. Nova York: Pocket Books, 1984. Disponível em: <https://archive.org/details/yuppiehandbookst00pies/page/16/mode/2up>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências**. Barueri, SP: Disal, 2011.

REED, Paula. **50 ícones que inspiraram a moda: 1980**. São Paulo: Publifolha, 2014.

SAWER, Patrick. Parents’ anguish at Alexander McQueen HIV ‘lie’ in new book. **The Telegraph**, Londres, 22 fev. 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/6tQ4a>. Acesso em: 3 set. 2025.

SQUARISI, Dad. Maiúsculas e minúsculas: covid-19 e aids. **Correio Braziliense**. 05 abril 2020. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/maiusculas-e-minusculas-covid-19-e-aids/#:~:text=Hoje%20d%C3%A1%20nome%20a%20doen%C3%A7a,%2C%20com%20inicial%20pequenina%20%E2%80%94%20aids>. Acesso em: 5 set. 2025.